

A MAGIA DE CONTAR E RECONTAR HISTÓRIAS

Ana Paula Pegoraro Benigno

Vanessa Costa

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar como a Semana Literária se consolidou como uma proposta pedagógica inovadora, valorizando a autoria e o protagonismo dos alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental (anos iniciais). Por meio da contação e do reconto de histórias, os estudantes foram desafiados a se apropriar de narrativas literárias e a compartilhá-las com os colegas, utilizando diversas linguagens, como ilustrações, fantoches, encenações e contações em grupo. As metodologias ativas permitiram que cada estudante assumisse o papel de protagonista no processo, não apenas recebendo, mas também produzindo e compartilhando conhecimento. Segundo a autora Ruth Rocha (2023), “Toda história infantil conta um modo de viver. Ao ler, a criança aprende o modo de viver e de olhar a vida também”. Nesse sentido, quando a criança reconta uma história, ela não apenas exercita sua memória, sua oralidade e sua criatividade, mas também ressignifica o enredo a partir de suas próprias experiências e percepções de mundo. Por sua vez, o educando que escuta o reconto tem a oportunidade de ampliar seu repertório cultural, desenvolver a atenção, a imaginação e a escuta sensível, além de construir vínculos afetivos com o colega que narra. Assim, a contação e o reconto de histórias tornam-se práticas essenciais para o desenvolvimento da linguagem, do pensamento crítico e da formação social das crianças. O mais importante não foi repetir a narrativa de forma padronizada, mas possibilitar que cada grupo encontrasse sua própria maneira de recontar, reinventar e encantar. Ao circular pela escola, as narrativas e suas releituras criaram uma comunidade leitora viva, em que cada criança teve a oportunidade de enriquecer seu universo literário e socioemocional. A culminância do projeto, marcada pelo encontro com a autora, reafirmou a potência da leitura como experiência coletiva e como ponte entre a escola, a comunidade e o tema da Campanha da Fraternidade 2025 – Ecologia Integral.

Palavras-chave: Leitura; Contação de Histórias; Autoria; Infância.

Introdução

A leitura e a contação de histórias constituem práticas essenciais para o desenvolvimento integral das crianças, estimulando a memória, a atenção, o pensamento crítico, a criatividade e os vínculos afetivos. Ao narrar e recontar histórias, os alunos deixam de ser apenas receptores para se tornarem protagonistas, exercitando autoria, oralidade e imaginação, ao mesmo tempo que ampliam seu repertório cultural e social.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), a leitura deve ser vivenciada como prática social e estética, capaz de despertar o encantamento, a fruição

e a construção de sentidos. Nesse contexto, o projeto A magia de contar e recontar histórias, realizado com estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental (anos iniciais), articulou literatura e protagonismo infantil, dialogando com a Campanha da Fraternidade 2025 – Ecologia Integral – e transformando a Semana Literária em um espaço de criação, partilha e reflexão coletiva.

Metodologia

O projeto A magia de contar e recontar histórias nasceu das experiências que temos cultivado em nossa escola com os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental (anos iniciais), especialmente nas visitas semanais à Teia Cultural (local onde geralmente encontramos leituras, apresentações de recitais ou emprestamos livros) e à Semana Literária (evento que acontece anualmente com os livros paradidáticos, com o tema da Campanha da Fraternidade). Neste ano, a oficina foi inspirada em obras da autora Elisabete da Cruz, entre elas Cor de pele, Se eu pudesse nascer de novo, Crianças de cá, crianças de lá e Cidade politicamente correta. A escolha desses livros não foi aleatória: todos dialogam diretamente com o tema da Campanha da Fraternidade 2025 – Ecologia Integral –, o que possibilitou relacionar, de forma significativa, todas as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental.

A primeira etapa consistiu na leitura das obras selecionadas, mediada pelos professores, mas sempre deixando espaço para que os alunos expressassem suas percepções, dúvidas e interpretações. Na segunda etapa, cada turma foi convidada a recontar a história lida para outras turmas, escolhendo de forma autônoma a linguagem artística com que gostaria de apresentá-la – por meio de ilustrações, dramatizações, fantoches ou contações coletivas. Essa liberdade garantiu que cada grupo encontrasse sua própria maneira de se apropriar da narrativa. Por fim, realizamos um momento de socialização, no qual as turmas apresentaram suas recriações às demais, ampliando a circulação das histórias e permitindo que cada criança conhecesse o repertório literário dos colegas. Todo o processo foi registrado em diários de bordo, fotos e vídeos, de modo a preservar as memórias e possibilitar reflexões posteriores sobre o caminho percorrido.

Discussão dos resultados

O encantamento das crianças pela leitura não se constrói apenas a partir da decodificação de palavras, mas pela vivência de experiências que integram sentidos,

afetos e imaginação. O contato inicial com o livro pode ser entendido como uma experiência sensorial. Texturas, cheiros, cores e sons presentes em edições infantis despertam a curiosidade natural dos pequenos e tornam o ato de folhear páginas algo prazeroso. Dessa forma, um livro – desde a capa até as ilustrações internas – torna-se um convite silencioso que atrai o olhar e abre espaço para a fantasia.

Entretanto, a experiência literária vai além do objeto em si: ela se fortalece na relação afetiva construída durante a leitura compartilhada. Quando um adulto lê para uma criança, não transmite apenas o conteúdo da história, mas também o ritmo, a entonação e a emoção presente em sua voz. Esse gesto cria memórias afetivas duradouras, associando o momento de leitura ao aconchego, à segurança e ao vínculo emocional. Assim, o livro deixa de ser apenas um suporte de palavras para se tornar parte de uma relação significativa entre pessoas.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) também reforça essa concepção ao reconhecer a leitura como prática social e estética. No componente de Língua Portuguesa, o documento afirma que é necessário “[...] assegurar o contato do estudante com textos que promovam a experiência estética e cultural, de modo a possibilitar o encantamento, a imaginação, a fruição e a construção de sentidos [...]” (BRASIL, 2017, p. 67). Essa perspectiva legitima a necessidade de que as práticas escolares com livros transcendam o caráter instrumental, favorecendo experiências que alimentem a imaginação e a sensibilidade.

A BNCC afirma:

Ao se trabalhar com a leitura, deve-se assegurar o contato do estudante com textos que promovam a experiência estética e cultural, de modo a possibilitar o encantamento, a imaginação, a fruição e a construção de sentidos (BRASIL, 2017, p. 67).

O encantamento também se fortalece quando a criança se reconhece como autora de sentidos. Ao propor que inventem novos finais para as histórias, que dramatizem personagens ou que ilustrem suas passagens preferidas, damos às crianças o direito de recriar a literatura. Delia Lerner (2002), em seu livro *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*, reforça que o encantamento da leitura de maneira vibrante fala não só do entendimento, mas da imersão em universos alternativos, da reflexão crítica e do sentimento de pertencimento ao universo cultural:

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita [...] (LERNER, 2002, p. 73).

Para Emília Ferreiro (2001), a leitura não é apenas uma técnica de decodificação de letras e palavras, mas uma prática social que possibilita comunicação, acesso à informação, cultura e participação na sociedade. A autora ressalta que a leitura só faz sentido quando ligada a usos reais do cotidiano e que aprender a ler é um direito social, pois assegura ao indivíduo exercer sua cidadania e compreender melhor o mundo:

Um ato de leitura é um ato mágico. Alguém pode rir ou chorar enquanto lê e não está louco. Alguém vê formas esquisitas na página, e de sua boca “sai linguagem”: uma linguagem que não é a de todos os dias, uma linguagem que tem outras palavras e que se organiza de uma outra forma (FERREIRO, 2001, p. 103).

Outro aspecto essencial é compreender que as crianças não são simplesmente receptoras das histórias. Elas também recriam, inventam e interpretam narrativas de maneira própria, transformando-se em coautoras do processo de leitura. Expressar-se a partir da prática leitora estimula a autonomia criativa e fortalece o encantamento pelo universo literário. Nessa perspectiva, essa prática não se restringe ao ato de ouvir ou decodificar, mas se expande para o campo da autoria e da expressão pessoal.

O projeto ganhou ainda mais sentido quando realizamos o encontro com a autora, momento em que as crianças puderam compartilhar suas interpretações, fazer perguntas e reconhecer-se como parte de uma comunidade leitora viva e atuante. Assim, a leitura deixou de ser apenas um ato individual para se tornar uma experiência coletiva, de diálogo e de encantamento, reafirmando o poder da literatura em construir pontes entre o eu, o outro e o mundo.

Conclusão

Durante todo o percurso das Oficinas Literárias, foi muito evidente o quanto as crianças se sentiram pertencentes ao processo. Observou-se um brilho especial no olhar de cada uma, revelando o prazer de participar ativamente, assumindo o papel de protagonistas em cada momento. As experiências vividas possibilitaram não apenas a valorização da leitura e da escrita, mas também o fortalecimento da autoestima, da

criatividade e do sentimento de pertencimento ao grupo e à comunidade escolar, tornando esse projeto muito mais significativo.

Ao final, percebemos que o protagonismo infantil não é apenas um recurso pedagógico, mas uma necessidade para que os estudantes se sintam verdadeiramente parte do processo educativo. A magia de contar e recontar histórias, em suas múltiplas formas, reafirmou o poder da literatura como caminho de humanização e construção de identidade.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2017.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed editora, 2002.

ROCHA, Ruth. Aos meus netos, ensinei com o convívio, o carinho e com pouca chateação. Gama Revista. 23 jul. 2023. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/o-que-voce-aprendeu-com-seus-avos/escritora-ruth-rocha-avos-netos-historias-e-contos/>. Acesso em: 9 set. 2025.